

O semestre se encerra de forma melancólica, com a grande queda nas bolsas de valores não vista de forma semelhante desde 1970, com o aumento das taxas de juros globais e a consolidação do alto patamar nas taxas de inflação. Com isso, um longo tempo de taxas de juros e inflação baixas se mostra chegar ao fim. De agora em diante, os bancos centrais do mundo irão ajustar a política monetária para combater a inflação, elevando os juros para o campo restritivo e encerrando o programa de recompras de títulos, tudo isso para enxugar o excesso de liquidez existente no mercado. Essas mudanças deixam uma nova incerteza sobre o mercado, se causarão apenas uma desaceleração da economia ou se entraremos em recessão.

O mês de junho foi marcado pela volatilidade, o mercado ensaiou uma melhora no começo do mês, mas logo foi revertida pelo alto CPI (*Consumer price index*) americano, que veio acima do previsto e causou a maior mudança das apostas em relação ao próximo aumento da taxa de juros que eu já presenciei em 30 anos de mercado financeiro. Em um intervalo de 3 dias, entre o número do CPI e a reunião do FED, o mercado mudou a *call* de aumento da taxa de juros americana de 0,50% para 0,75%. O banco central americano subiu a taxa em 0,75%, sinalizou mais uma alta de igual magnitude, mostrou comprometimento em trabalhar para trazer a inflação de volta à meta de 2% e disse que o mercado de trabalho continua apertado. Além disso, o FED endossou as expectativas do mercado financeiro num claro sinal de que a inflação americana está preocupando e mostrou que os agentes estão reagindo aos números, o que tende a trazer alta volatilidade aos mercados. Diante disso, os integrantes da autoridade monetária agora preveem uma taxa de juros entre 3,5% a 4% nominal, para trazer a inflação à meta e vão a manter acima do neutro por determinado período, o que deve desacelerar a economia americana.

O banco central europeu manteve a taxa de juros após sua reunião, mas já sinalizou uma alta para as próximas reuniões, parece que a “ficha” caiu para Lagarde. Segundo relato, se a perspectiva de inflação se deteriorar a médio prazo, um aumento maior será apropriado na reunião de setembro. Com isso, o aumento de juros em 0,25% deve vir para combater as pressões nos preços de alimentos e energia. Segundo o BCE, a projeção para inflação anual é de 6,8% em 2022, 3,5% em 2023 e 2,1 % em 2024, porém com a forte pressão de bens e serviços, a inflação se tornou um grande desafio, as cadeias globais seguem ainda pressionadas mesmo em menor magnitude. Para a atividade econômica, a invasão russa sobre a Ucrânia prejudica o crescimento na zona do Euro, o que pesa na confiança dos agentes econômicos diante dos choques na oferta de petróleo e gás natural, porém o mercado de trabalho continua forte e vai ser um vetor para o crescimento futuro.

As duas maiores cidades da China, Pequim e Xangai, contiveram o Covid-19 após 4 meses de luta, período em que milhões de moradores permaneceram trancados em casa. Uma melhora na atividade manufatureira em junho foi percebida com o afrouxamento das medidas restritivas e se há expectativa de melhora nas cadeias produtivas, fato que ajuda a conter a inflação mundial.

O banco da Inglaterra aumentou mais uma vez a taxa básica de juros para 1,25% e já sinalizou mais aumentos para as próximas reuniões, a fim de domar as pressões inflacionárias mais persistentes, pois o CPI no país se encontra em torno de 9% e não mostra sinal de pico. Com isso, se espera a contração do PIB no segundo semestre, o que pode trazer até uma recessão da economia britânica que já vem enfrentando vários choques, como o Brexit, os resquícios da pandemia e a guerra na Ucrânia.

No Brasil, o banco central efetuou mais um aumento na taxa de juros, chegando a 13,25% e diz se aproximar do fim do ciclo de aumento, mas se depara com um problema fiscal causado pelo “pacote de bondades” do presidente Jair Bolsonaro, que inclui o aumento do auxílio Brasil para R\$ 600 e a criação da PEC 01/2022. A PEC criou um estado de emergência questionável para permitir ao governo gastar mais de R\$ 40 bilhões até o fim do ano a fim de bancar o aumento do auxílio Brasil, auxílio caminhoneiro e taxistas, além da redução do ICMS dos combustíveis cobrado pelos estados, mérito do governo que trabalhou na redução zerando o imposto federal. O Brasil ainda enfrenta um grande desafio para reduzir a inflação, a atividade econômica está com crescimento acima do esperado para o ano de 2022, em torno de 1,8%, mas com revisão de baixa para 2023 em função do efeito *lag* da política monetária e da redução do nível da atividade econômica no segundo semestre.

Durante o mês de junho apresentamos ganho na posição comprada em dólar e vendida em bolsa americana, mas perdemos na posição aplicada na parte curta de juros, onde esperávamos que a taxa terminal da Selic fosse menor. No momento estamos zerados, observando o mercado, o primeiro objetivo do dólar de R\$ 5,25/30 já foi atingido e o S&P 500 no nível de 3750, já se encontra embutida uma desaceleração da economia mundial, porém não se encontra ainda no preço a concretização do cenário de recessão. Achamos que o FED irá elevar a taxa de juros até 4,5%, porque a inflação não vai ceder tão facilmente e o mercado de trabalho ainda continuará apertado, em torno de 3,5%, além de estar ocorrendo uma rodada de aumentos salariais no mundo, o que dificulta ainda mais a queda da inflação. Com isso, o S&P 500 pode alcançar os 3400 pontos devido à revisão do lucro das empresas, e o nível de 3000 caso haja recessão. Então estamos esperando se o mercado apresenta algum *rebound* no S&P 500 para poder montar as posições novamente. O mesmo cenário se apresenta para o dólar, no qual esperamos uma volta para retomar a posição.

No Brasil, temos a partir de agora o cenário de eleição entrando no dia a dia, a terceira via não emplacou e a eleição será decidida entre Lula e Bolsonaro, nossa visão é que ela será apenas resolvida no segundo turno e talvez um “terceiro turno”, deteriorando ainda mais o cenário fiscal e econômico.

Em geral o semestre foi bom, apesar de complicado e o fato de a carta citar tantas vezes a palavra inflação já mostra quem foi a estrela do semestre.

Atribuição de Performance

No mês de junho, o resultado do RC Hedge FIM foi: 3,29% ante 1,01% do CDI

RC Hedge FIM	junho-22
Moedas	3,75%
Bolsa	-0,18%
Juros	-0,14%
Taxas e Custos	-1,17%
Titulo Público	1,03%
Total	3,29%

Objetivo e Política de Investimentos:

A política de investimento do FUNDO consiste na aplicação dos seus recursos em diversas classes de ativos financeiros e modalidades operacionais, incluindo ativos e valores mobiliários de renda variável, com o objetivo de alcançar desempenho superior à variação da taxa de juros do Depósito Interfinanceiro – DI. O fundo está exposto aos riscos de mercado, mercado externo, crédito, liquidez, concentração, bem como aqueles decorrentes do uso de derivativos, conforme regulamento.

Público alvo: Investidores em geral.

Rentabilidade Acumulada

Rentabilidade Mensal

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Acum.
2008	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21,69%	60,33%	37,50%	10,18%	195,58%
2009	10,01%	8,29%	23,63%	1,64%	18,65%	6,43%	0,04%	8,07%	-13,94%	15,75%	4,81%	-8,88%	94,43%	474,68%
2010	7,93%	3,52%	6,17%	-1,57%	27,88%	4,42%	-5,55%	-1,32%	-19,40%	0,54%	-3,70%	-21,02%	-10,42%	414,79%
2011	-1,82%	-2,01%	14,92%	3,41%	12,74%	4,59%	4,91%	8,87%	57,64%	-41,52%	25,39%	-1,70%	74,97%	800,73%
2012	-1,54%	-2,90%	14,66%	10,41%	8,62%	-2,38%	6,59%	-1,09%	2,88%	-2,70%	4,55%	12,14%	58,77%	1.330,12%
2013	3,35%	4,29%	-1,13%	10,22%	-1,05%	5,75%	0,93%	3,54%	-7,18%	0,21%	10,59%	3,77%	37,12%	1.860,98%
2014	5,82%	-9,02%	-9,37%	8,57%	4,03%	1,83%	8,00%	-11,52%	22,09%	9,70%	3,77%	0,02%	33,31%	2.514,19%
2015	7,00%	-1,11%	6,51%	-0,72%	13,41%	-1,35%	4,04%	-9,66%	14,85%	7,27%	1,88%	-2,52%	43,95%	3.663,12%
2016	12,12%	-0,77%	-6,62%	2,68%	-4,69%	-6,32%	-0,77%	4,16%	5,94%	-12,03%	-1,78%	-10,14%	-19,02%	2.947,30%
2017	-3,08%	-0,17%	9,64%	0,69%	-11,10%	-0,01%	-3,15%	0,67%	-1,81%	0,44%	-1,70%	0,44%	-9,85%	2.647,22%
2018	1,57%	0,05%	-1,41%	3,40%	0,85%	14,28%	-3,04%	6,78%	-2,59%	13,28%	2,93%	4,06%	46,09%	3.913,47%
2019	2,04%	4,50%	-2,67%	2,19%	13,41%	3,37%	3,37%	3,98%	5,93%	-11,29%	8,61%	-9,02%	24,09%	4.880,18%
2020	-6,32%	6,13%	-2,13%	-2,34%	8,38%	-3,06%	5,02%	5,69%	2,93%	-1,37%	-0,92%	1,99%	13,68%	5.561,58%
2021	-7,86%	9,43%	1,81%	-8,02%	0,12%	2,98%	1,20%	-2,25%	6,43%	-3,52%	4,40%	4,37%	7,74%	5.999,78%
2022	0,85%	2,34%	2,18%	-0,72%	1,40%	3,29%	-	-	-	-	-	-	9,67%	6.589,85%

Características

Dados gerais		Estatísticas			
		RC HEDGE FIM	Ínicio	3 Anos	12 Meses
Data de início do fundo	05-Setembro-2008	Volatilidade Aualizada	37,8%	26,1%	11,3%
Aplicação inicial	R\$ 10.000,00	Drawdown Máximo	-47,5%	-38,8%	-6,6%
Aplicação adicional	R\$ 1.000,00	Início do Drawdown	30-Jun-2010	02-Oct-2019	13-Oct-2021
Resgate mínimo	R\$ 1.000,00	Final do Drawdown	01-Sep-2011	19-Oct-2020	02-Dec-2021
Saldo mínimo	R\$ 5.000,00	Melhor Retorno	46,2%	17,6%	3%
Cota de aplicação	D+0	Pior Retorno	-29,4%	-25,2%	-2,2%
Cota de resgate	D+15	Pct de Retornos Positivos	57,6%	56,5%	60,1%
Pagamento	D+1 (útil) após cotização	Índice de Sharpe	45,41	0,4	1,19
Regate antecipado	5% de multa sobre a cota de resgate	Patrimônio Líquido			
Cota de resgate antecipado	D+0	30-jun-2022		R\$ 25.542.375,8	
Pagamento do resgate antecipado	D+1 (útil) após a cotização	PL Média (Últimos 12M)		R\$ 24.012.889,6	
Taxa Adm.	2,00% ao ano				
Taxa Perf.	20% acima do CDI				
Imposto de renda	Come contas, dedução de IR com tabela regressiva				
Perfil de risco	Arrojado				
Administrador	BNY MELLON S.A.				
Gestor	RC GESTÃO DE RECURSOS				
Custodiante	BNY MELLON S.A				
Classificação ANBIMA	Multimercado Macro				
Carência para resgate	NÃO				

Canal de atendimento – Tel - (11) 3750 2750 (11) 5242 0156 – www.rcgestaoderecursos.com.br

Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. O investimento no fundo não é garantido pelo Fundo Garantidor de Crédito. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Tais documentos podem ser encontrados no site: www.cvm.gov.br.